

Armia Krajowa



**O exército polaco
na revolta de 1944
em Varsóvia**

Prelúdio da Revolta de Varsóvia:

"...matar sem piedade ou misericórdia, todos os homens, mulheres e crianças de descendência ou língua polaca."

- Fuhrer Adolf Hitler, 22 de Agosto de 1939

Depois de um século de ocupação alemã e russa a Polónia voltou a ser um estado independente no final da Primeira Guerra Mundial. Ladeada por dois antigos inimigos baseou o seu plano militar no apoio do aliado França e em acordos de não-agressão com esses mesmos vizinhos.

Apesar de todos os avisos, nenhum apoio real apareceu aquando da invasão alemã de 1 de Setembro e a posterior invasão soviética (segundo o Pacto Molotov-Ribbentrop) dias depois. Apesar dos esforços polacos em menos de um mês a Polónia era de novo engolida pelos dois gigantes que a rodeavam.

Durante cinco anos a situação pouco mudou. Enquanto a Alemanha e a União Soviética lutavam na Frente Leste milhões de polacos eram deportados ou assassinados. Os movimentos de resistência foram cristalizando até a formação do Armia Krajowa em Fevereiro de 1942.

No início de 1944 o contra-ataque do exército soviético voltou a empurrar os alemães para dentro das antigas fronteiras polacas. A resistência e o governo polaco no exílio começaram a preparar a libertação do estado polaco.

Mas se havia qualquer dúvida do destino pós-guerra da nação polaca, esvaneceu-se em Novembro de 1943. Não só os representantes polacos não foram convocados para a Conferência de Teerão como os aliados ocidentais não contestaram as intenções soviéticas de manter os territórios ocupados da Polónia oriental.

Enquanto as tropas polacas no exílio lutavam em todas as três frentes europeias tornou-se claro que seria preciso uma revolta na Polónia para garantir que o futuro estado polaco ficaria fora do controle soviético.



1 - Bor, segundo a contar da esquerda, durante a revolta.

O General Bór, líder do Armia Krajowa, argumentou que a resistência não tinha a capacidade de lidar com o exército alemão (cruelmente óbvio no rescaldo da Revolta do Ghetto de Varsóvia em 1943) ou posteriormente com uma ocupação do exército soviético.

A única hipótese era conseguir ocupar a capital Varsóvia durante a retirada alemã e instalar uma estrutura do governo no exílio antes da chegada das tropas soviéticas. Isso idealmente forçaria os aliados - tanto ocidentais como a União Soviética - a aceitar que a Polónia se tinha liberado sozinha, e devia por isso não ter qualquer influência governativa externa.

A medida que as tropas soviéticas se aproximavam de Varsóvia a atitude com a resistência ia mudando. Se ao início o apoio da resistência polaca

era bem recebida rapidamente se tornaram também alvos a abater. A decisão do Armia Krajowa de se revoltar estava mais uma vez validada.

Início da revolta:

"Queríamos ser livres, e não dever essa liberdade a nada nem ninguém".

- Jan Stanislaw Jankowski, Delegado do governo polaco no exílio.

Confundidos por informações que colocavam os soviéticos do outro lado do rio Vistula a revolta foi marcada para o final da tarde de dia 1 de Agosto. A incerteza quanto ao correcto início da revolta não se extinguiu no commando. Mesmo a nível local, as unidades de infantaria do Armia Krajowa não conseguiam manter a disciplina.

Por dificuldades de comunicação e ânsia da liberdade alguns sectores da cidade anteciparam-se enquanto outros ignoraram os alvos estabelecidos e atacaram os primeiros soldados alemães que encontraram.

Reunindo-se rapidamente com as poucas armas disponíveis em Varsóvia, espalharam-se pela cidade mesmo antes da hora marcada para o início da revolta, ansiosos por terminar os cinco anos de cruel ocupação. Perdeu-se assim grande parte do efeito surpresa necessário para capturar todos os pontos nevrálgicos da cidade.



2 - Armia Krajowa invade as ruas nos primeiros momentos da revolta.

Mal equipados em termos de armamento e mesmo em fardamento, em poucos dias se percebeu que as milícias do Armia Krajowa não conseguiam desalojar as tropas alemãs dos pontos reforçados em que os cercavam. À medida que o confronto evoluiu conseguiram encontrar um escape mais produtivo para o seu empenho na defesa das barricadas que cortaram as vias de comunicação e marcaram os pontos de resistência ao longo da cidade.



3 - Ataque a uma guarnição alemã.

Sem isso e com fortes limitações de armamento (especialmente pesado) muitos dos pontos chave da cidade ficaram por conquistar. As guarnições alemãs refugiaram-se e apesar de cercadas repeliam facilmente os avanços do Armia Krajowa.

Do outro lado do rio, Stalin mandou parar o avanço soviético. Incluindo o Ludowe Wojsko Polskie, (Exército do Povo Polaco), unidade formada por ex-prisioneiros de guerra...

polacos. Durante a totalidade da revolta o exército soviético assistiu, do outro lado do rio, sem nunca participar. Nem activamente com tropas ou artilharia, nem impedindo os aviões alemães de sobrevoarem a outra margem

do rio. A intenção de Stalin era claramente esperar para ver, deixando o inimigo alemão e o Armia Krajowa desgastarem-se antes de avançar.



4 - As barricadas espalham-se pela cidade.

Enquanto as barricadas nasciam a cortar as principais vias da cidade os ataques quase suicidas contra os enclaves alemães continuavam sem sucesso. Restabelecidos do choque inicial da revolta, os comandantes alemães avaliaram a situação e partiram para a recuperação da totalidade da cidade.

5 de Agosto: a resposta alemã

"Esta é a nossa batalha mais feroz desde o início da Guerra. Comparável as batalhas nas ruas de Estalingrado."

- Reichsfiibrer Heinrich Himmler, 21 de Setembro de 1944.

- Massacre de Wola.

"Isto é o nosso maior problema. Estes refugiados! Não tenho munição para os matar todos já aqui!" - Reinefarth



5 – Da esquerda para a direita, em cima: Dirlewanger e Kaminski e em baixo: Bach e Reinefarth.

Como comandante de todas as tropas alemãs envolvidas na revolta de Varsóvia, Erich von dem Bach não podia ter um currículo mais premonitório. Tinha sido ele a criar o campo de concentração de **Oświęcim** (Auschwitz) em 1940 e as tropas SS sob seu comando tinham sido responsáveis pela morte de 35 mil civis em Riga e mais de 200 mil civis na Bielorrússia e Polónia Oriental.

Em 1940 Oskar Dirlewanger foi encarregue de usar criminosos comuns para formar uma pequena unidade de combate (brigada Kaminski) à guerrilha no sul da Polónia e na Bielorrússia. Ao longo do período o comportamento de Dirlewanger e da sua unidade atingiu um nível de crueldade notório.

Perante o início da revolta de Varsóvia o próprio Himmler encarregou Dirlewanger de aterrorizar a população e quebrar o apoio ao Armia Krajowa. Dirlewanger e Bach decidiram começar pelo subúrbio de Wola. A tropa SS foi porta-a-porta não poupando nada nem ninguém, incluindo vários hospitais.

O comportamento da brigada Kaminski e o seu líder Dirlewanger em Varsóvia atingiu um nível tão criminoso que muitas das unidades Wehrmacht designadas como apoio se recusaram a fazê-lo.

Ao longo de dois dias, as tropas de Reinefarth mataram 40 mil pessoas no distrito de Wola. O massacre de Wola é a maior atrocidade em batalha comitida no cenário europeu da Segunda Guerra Mundial. Mas em vez de produzir o temor generalizado pretendido por Hitler convenceu a população de Varsóvia que o Armia Krajowa não se poderia render. A rendição implicava a morte certa de todos.

Ao fim de alguns dias de massacres nos distritos de Ochote e Wola os alemães convenceram-se disso mesmo. Embora Bach mantivesse a sentença de morte imediata para homens, as mulheres e crianças eram enviadas para campos de concentração.

Dos principais intervenientes no massacre apenas Dirlewanger sofreu consequências sérias. Foi acusado de crimes de guerra e espancado até a morte na prisão.

Bach tornou-se testemunha de acusação de Himmler e Goering nos julgamentos de Nuremberga. Serviu quatro anos de prisão e foi apenas em 1958 condenado por tribunais alemães por crimes contra... alemães. Morreu na prisão em 1972.

Também Reinefarth se refugiou no estatuto de testemunha de acusação em Nuremberga para escapar a sua condenação. Ao contrário dos outros, nunca foi preso. Chegou mesmo a ser eleito para cargos políticos na Alemanha em 1951 e 1962.

- Ataque ao campo de prisão Gesiówka.

Nas primeiras horas de 2 de Agosto, 2 Panthers isoladas atacaram uma barricada na rua Karolkowa defendida pelo batalhão Zoska. Sob fogo de PIATs e Panzerfausts, grenadas Gammon e cocktails Molotov as tripulações alemãs fugiram, abandonando os veículos.

Durante os sete dias seguintes, os Panthers mantiveram-se operacionais. O seu momento de glória surgiu no dia 5 de Agosto, com o tanque apelidado de "Magda" comandado por Waclaw "Wacek" Micuta a liderar o ataque à prisão Gesiówka.

No início da tarde desse dia o Kapitan Waclaw "Wacek" Micuta e a terceira companhia do batalhão Zoska, atacaram o campo prisional Gesiówka, situado no antigo ghetto judeu.



6 - O Panther "Magda" momentos antes do ataque.

O ataque libertou 324 homens and 24 mulheres. Os últimos prisioneiros judeus em Varsóvia, incluindo vários membros da resistência judaica (ZOB) capturados na revolta dos últimos dias do ghetto em 1943.



7 - Libertação de Gesiowka.

Tirando alguns parques milhares dispersos por esconderijos na cidade, estes 348 prisioneiros eram tudo o que restava dos 400 mil judeus que viviam em Varsóvia (um terço da população total da cidade) antes de Setembro de 1939.

Embora o ataque tenha sido um marco da revolta é muito discutível se as tropas e meios usados não teriam sido mais necessários a uma milha de distância, em Wola.

As aventuras do batalhão Zoska prolongaram-se para além dos Panthers. O seu líder Kapitan Ryszard "Jerzy" Bialous usou por duas vezes o facto dos Kedyws usarem maioritariamente equipamento SS como "disfarce" para retirar os seus homens de cercos alemães fazendo-se passar por tropas SS.

Mudança de plano:

"Percebemos que tínhamos que lutar até ao fim, porque senão iamos todos morrer sem piedade nas mãos daquele bando de canalhas."

- Andrzej Ulankiewicz, Batalhão Parasol, Armia Krajowa.

Ao contrário do pretendido pelos comandantes alemães as atrocidades cometidas não quebraram a união do povo polaco com os revoltosos. Se algum efeito teve, foi de extremar o empenho até as consequências finais.

Perante essa atitude, a contínua dificuldade em deslocar-se com segurança nos vários distritos de Varsóvia, e a inactividade soviética, os comandantes alemães decidiram apoiar-se no seu armamento superior e poupar as tropas. Sem interferência soviética os Stukas tomaram conta dos céus e a artilharia - incluindo Sturmtigers em regime experimental - começou a sistematicamente arrasar zonas da cidade, permitindo posteriormente o avanço das tropas alemãs.

Sem apoio externo, sem capacidade de tomar a iniciativa, os polacos rapidamente se aperceberam do seu destino. Já sem grande esperança nos desesperados pedidos de intervenção e auxílio externo, foram vendendo cada barricada, cada rua, o mais caro possível.



8 - Soldados do Ludowe Wojsko Polskie recebidos em extase pelo Armia Krajowa.

Num requinte cruel, o Ludowe Wojsko Polskie conseguiu finalmente a meio de Setembro atravessar o rio Vistula. O Ludowe Wojsko Polskie tinha sido formado por Stalin perante a invasão alemã em 1941, usando os polacos aprisionados no rescaldo da invasão russa à Polónia Oriental e reforçado mais tarde com membros do Armia Krajowa capturados.

Grande parte dos oficiais do Ludowe Wojsko Polskie pertenciam ao exército soviético ou mesmo ao NKVD, para manter o controle soviético.

Apesar da reticência do comando soviético e sem o prometido apoio de artilharia, o Ludowe Wojsko Polskie tentou atravessar o rio Vistula e apoiar a revolta, levando quase só armamento ligeiro.

No total, o Ludowe Wojsko Polskie perdeu quase 5 mil soldados a atrasar o rio. Apenas 1500 chegaram a margem do lado de Varsóvia, junto à fábrica de tinta de Latyszonek no subúrbio de Czerniakow. A maioria morreu ou foi capturada nesse mesmo reduto. Os sobreviventes juntaram-se as unidades Arima Krajowa restantes no recuo até ao final da batalha.

Com o aproximar do final do mês de Setembro o resultado final da batalha era cada vez mais óbvio: lentamente as tropas alemãs esmagavam cada reduto polaco. Mesmo com o uso regular dos esgotos para escapar duma zona para outra as tropas do Armia Krajowa tinham cada vez menos onde resistir.

Rescaldo final:

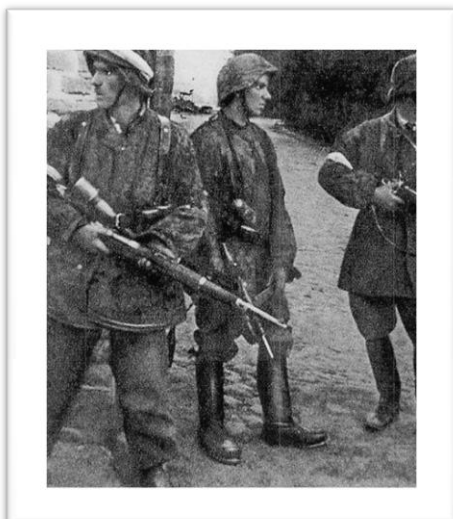
"A cidade deve desaparecer completamente da superfície da terra. Irá servir apenas de estação de transporte para o Wehrmacht. Não deve ficar pedra sobre pedra, cada edifício deve ser destruído até aos alicerces."
- Reichsfiibrer Heinrich Himmler, 17 de Outubro de 1944"

No dia 2 de Outubro, o General Bór ordenou a rendição. Tinham passado 63 dias, na mais longa batalha de resistência da guerra. Dois dias depois, as unidades restantes do Armia Krajowa formaram e marcharam para os pontos de rendição e entrega de armamento.

Entre os resistentes destacavam-se os Kedyw, (Kierownictwo Dywersji, Directoria de Sabotagem e Decepção), formados ainda no início de 1943, como esquadrões de assassinato da resistência. Embora não tenham entrado em acção no início imediato da revolta, os Kedyw participaram em todas as acções a partir do momento que o palco se definiu, agindo como tropa de elite convocada para as tarefas mais impossíveis.



9 - Bor, primeiro à esquerda, lidera o Armia Krajowa no momento da rendição.



Um dos grupos dos Kedyw chamava-se Radoslaw herdando o nome do cognome de Guerra do seu líder (Putkownik Jan Mazurkiewicz). Dos seus 2300 soldados que começaram a revolta recuperando as armas escondidas nos cemitérios dos subúrbios ocidentais da cidade pouco mais de 200 chegaram à última batalha em Mokotow. Pelo meio passaram pelos combates em Wola, a Cidade Velha até o reduto final em Czerniakow na ponta oposta da cidade.

10 - Kedyw em acção...

Mesmo no momento da rendição alguns Kedyw, nomeadamente os pelotões ZOB de cidadãos polacos judeus sobreviventes do ghetto, optaram por esconder-se nas ruínas ou fugir para os bosques para continuar a lutar.

15 mil polacos, um terço do Armia Krajowa, tinham morrido. Os alemães tinham também perdido 16 mil soldados, e tinham 9 mil feridos, metade do total de tropas enviadas para o conflito.

Morreram também cerca de 200 mil civis, grande parte entre os massacres como o de Wola e pelos bombardeamentos sistemáticos. Grande parte dos edifícios de Varsóvia estavam desfeitos. Cumprindo o desejo de Himmler unidades especiais do exército alemão passaram os meses seguintes a destruir o máximo possível da cidade.

Quando finalmente o exército soviético forçou a entrada na cidade em 17 de Janeiro de 1945, com o Ludowe Wojsko Polskie à frente, 85% da cidade estava irreparavelmente em ruínas.



11 - A praça do mercado do bairro da cidade velha, antes e depois da revolta.

Apesar das promessas iniciais de Stalin nunca houve eleições livres e os membros do Armia Krajowa começaram a ser imediatamente perseguidos, presos e executados. Algumas das tropas do Armia Krajowa tornaram-se "soldados amaldiçoados". Escondendo-se nas zonas rurais e bosques mantiveram a guerrilha, desta vez contra o governo imposto pelos soviéticos durante décadas.

Mesmo depois do final da guerra, o governo exilado em Londres recusou-se a aceitar a situação e durante mais de 40 anos foi elegendo novos primeiros ministros. Sintomaticamente as novas fronteiras da Polónia pós-guerra cediam 20% do território inicial a União Soviética.

Finalmente em 1991 o último primeiro ministro do governo no exílio, Ryszard Kaczorowski, regressou a Polónia e pode entregar os selos presidenciais do pré-guerra e outros símbolos ao primeiro presidente em eleições livres no período pós-"regime totalitário comunista" na Polónia: Lech Walesa.



Referências:

"Warsaw 1944 - Poland's bid for freedom" By Robert Forczyk
"Armia Krajowa Official Briefing" by Mike Haught
Wikipedia